

Testemunhando* a Jesus Cristo em nossos dias**

Albérico Baeske***

Resumo: Testemunhar a Jesus Cristo é imprescindível. Apenas a fé que o próprio Deus concede percebe isso. Essa fé não se promove a si, pelo contrário, aponta tão-só para Jesus Cristo que realiza a Deus e se autocontextualiza. Na medida em que a fé, concedida por Deus, faz isso, nota como corre o perigo de se desvirtuar e como está sendo questionada radicalmente, e, ao mesmo tempo, chega a gritar por fé autêntica e se arrisca a esperar por e a seguir a Jesus Cristo, que ainda não conhece na sua plenitude.

Resumen: Testimoniar a Jesús Cristo es imprescindible. Apenas la fe que el próprio Dios concede percibe esto. Esta fe no se promueve a sí, por el contrario, apunta tan sólo para Jesús Cristo que realiza a Dios y se auto-contextualiza. En la medida que la fe, concedida por Dios, hace esto, percibe como ella corre el peligro de desvirtuarse, de como está siendo cuestionada radicalmente, al mismo tiempo, llega a gritar por la fe autentica, se arriesga a esperar por Jesús Cristo y a seguirlo, que todavia no lo conoce en su plenitud.

Abstract: Witnessing about Jesus Christ is indispensable. Only the faith which God him/her self concedes can perceive this. This faith does not promote itself, but, on the contrary, points only to Jesus Christ who fulfills God and self-contextualizes itself. As the faith, conceded by God, does this, it realizes how it runs the risk of becoming dull and that it is being radically questioned, and at the same time it calls out for authentic faith and takes the risk of waiting for Jesus Christ and following him whom it does not yet know in his fullness.

*** Professor de Teologia Sistemática da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS.

I.

**Contribuição inicial para uma reflexão conjunta
sobre “pouca coisa é necessária, até mesmo uma só”¹**

O passo fundante nesta reflexão

Jesus Cristo, o proclamado, realiza a Deus

1) Ponto de partida desta reflexão é a revelação bíblica, compreendida na palavra bíblica e ligada à sua proclamação, não meramente à escrita². Sem essa proclamação viva desaparece a revelação bíblica³. Começa-se a entender a palavra bíblica, em voga no seu anúncio, quando a derivamos tão-só do seu escopo. Ela se fecha à hermenêutica que introduz, arbitrariamente, o seu próprio escopo. Pois a palavra bíblica viva comunica quem é Jesus Cristo, a saber, aquele que “realiza a Deus”⁴. Logo, tem-se Jesus Cristo apenas na palavra bíblica anunciada: “pois por isso o verbo [de Deus] se fez carne [em Jesus Cristo], para que a carne se tornasse verbo”⁵. O que vale dizer: a palavra bíblica enquanto “pregação de Cristo”⁶ desmistifica a Deus em vista da acepção corriqueira a seu respeito. Deus, ele mesmo, há por bem e na sua liberdade de acontecer em e com Jesus Cristo. Fora de Jesus Cristo, nada se compreende, nada se conhece e nada se suporta de Deus⁷.

Somente a fé capta o Deus presente em Jesus Cristo, o proclamado

Agora, esse fato é fato na fé e para a fé no Deus da revelação bíblica anunciada. Nada de nada comprova tal fato, nada de nada o evidencia. A revelação bíblica anunciada não desnuda a Deus. Na medida em que Deus se revela, ele se esconde⁸. “Deus se encobre justamente quando se descobre”⁹. Ele “permanece oculto (...) em sua auto-revelação”¹⁰. Ainda assim, Deus não condiciona, pelo contrário, ele possibilita, ocasiona e cria, ele recria, efetiva e conclui a fé em Jesus Cristo que o torna presente no mundo, que o atualiza *hic et nunc*. “Pois era Deus que em Cristo reconciliava consigo o cosmo”¹¹ e, por conseguinte, o cosmo consigo mesmo¹². Vale, com todas as letras e conseqüências: “se alguém está em Cristo, é nova criatura”¹³, ou seja, as pessoas levadas à fé em Jesus Cristo são agraciadas simplesmente com tudo¹⁴.

O passo consecutivo nesta reflexão

O caráter da fé dada pelo Deus que se realiza em Jesus Cristo

2) A fé no Deus da revelação bíblica anunciada confessa a “*missio Dei*”¹⁵, que termina na “*actio Dei*”¹⁶. *Missio* é a autocomunicação de Deus¹⁷, “onde e quando lhe apraz”¹⁸, em meio à criação, toda sua, embora rebelde¹⁹. Mediante a sua ação integral²⁰ – cuja perspectiva cardeal, cujo ponto culminante e eixo girador residem em Jesus Cristo, “que é imagem de Deus [do Deus Invisível]”²¹ e “espelho do coração paterno [de Deus Pai]”²² – Deus liberta, de vez, a sua criação da rebeldia, solapando-a e transladando-a para dentro da sua nova criação²³.

Ao confessar isso, a mencionada fé reconhece, expressa e proclama,

a) alegre e confiantemente, que Deus é fundante e conclusivo, abrangente e decisivo, onipresente e onífero: contínuo criador, mantenedor e recriador de tudo e de todos, “das coisas visíveis e invisíveis”²⁴;

b) sóbria e humildemente, que ela percebe e recebe: ela própria é fruto, surpreendente e imerecido, da autocomunicação de Deus²⁵. Esta provoca, desperta, alimenta e estratifica aquela. A fé não é basicamente um acontecimento, e sim um padecimento. A fé é *passio*²⁶ – ela sucede à pessoa, a arrebatada e estupefaz, assalta a pessoa, se apossa dela e a constringe. É “uma fé que nunca vira posse, mas permanece dádiva”²⁷.

A referida fé vive, pasma e explodindo em alegria e gratidão, da experiência de que “o conhecimento / reconhecimento de Deus, o qual nos é oferecido em Jesus Cristo, é, ele próprio, dádiva de Deus. Deus é sempre sujeito-causador. Ele não é conhecido/reconhecido como nós chegamos a conhecer/reconhecer um acontecimento, um fato ou uma pessoa, mas ele, na sua liberdade, se reservou o direito a se revelar [a nós]”²⁸.

O exercício da fé dada pelo Deus que se realiza em Jesus Cristo

3) A fé no Deus da revelação bíblica anunciada²⁹ descobre que Deus lança mão dessa fé “onde e quando lhe apraz”¹⁸, a fim de que ela coopere na autocomunicação de Deus, rumo aos “novos céus e à nova terra, nos quais habita justiça”³⁰. No decorrer da reportada descoberta, essa fé experiencia a sua valorização, responsabilização e finalidade³¹.

De semelhante modo, como a fé no Deus da revelação bíblica anunciada surgiu *extra se ipsam*³², ela age também *extra se ipsam*³³. Como não se deve a si própria, ela tampouco se auto-edifica, se resguarda ou se encurrala. Pelo contrário, sai de si mesma, entra em campo, exercita-se no mundo, ariscando-se³⁴.

O passo concludente nesta reflexão

**4) A fé no Deus da revelação bíblica anunciada se arrisca
– não apenas se aventura – ao passo que**

A culpa da fé cristã

a) “cria os primórdios da honestidade”³⁵. Ou seja: jamais desvia os olhos e a mente daquilo que, em nome dessa fé, foi justificado e praticado por pessoas e instituições, por comunhões e “família[s] da fé”³⁶, que dela se assenhorearam e assenhoreiam, provocando incontáveis destruições e opressões, repressões e depressões. A fé no Deus da revelação bíblica anunciada, antes de qualquer outra coisa, toma consciência de tudo que nela, com e por ela aconteceu e ainda acontece na esfera individual e familiar³⁷ e no âmbito social, econômico e político³⁸ com o resultado, por via de regra inconsciente, de incriminá-la e levá-la ao absurdo – e fica estarelecida diante do fato de que, volta e meia, está sendo acometida pela fúria despótica e demoníaca³⁹. O absurdo por excelência é ela se arvorar a deliberar e agir *in nomine Dei*⁴⁰, com o que se considera certa, infalível e inatacável *in saecula saeculorum*. A sua identificação arbitrária com os desígnios de Deus não conduz aos céus, como ela acha e indoutrina, mas fabrica o inferno na terra. Boa parte da história da “missão da Igreja” o prova, especialmente na América Latina. Perante tudo isso, “a sorte do próprio cristianismo está em questão”⁴¹. A fé no Deus da revelação bíblica experimenta de forma contundente “que toda a boca se cale” – justamente a sua, e “o mundo inteiro” – junto com ela – “se reconheça réu em face de Deus”⁴². Resta-lhe apenas confessar: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa – in concreto et loco coram mundo* (talvez o mundo admita ainda esta confissão – ou, aterrorizado, anseie meramente esquecer, como um pesadelo horrível, o que lembra essa fé?)⁴³. Vive *in statu confessionis et absolutionis peccatorum coram Deo* (apenas Deus pode absolvê-la; o mundo tal qual é, jamais)⁴⁴ e gritando por fé autêntica;

A descoberta da fé cristã

b) se abre à verdade inerente nela de que Deus está no mundo antes e apesar dela e, tantas vezes, contra ela⁴⁵. Deus “rumoreja”⁴⁶ lá onde a mencionada fé, por via de regra, menos pensa que ele esteja: na religiosidade e nas religiões de povos e indivíduos⁴⁷. Não importa que estas sejam anteriores ou posteriores a ela, mantenham boa vizinhança ou distância crítica em relação a ela, lhe ofereçam resistência, até a combatam com e por convicção.

A fé no Deus da revelação bíblica anunciada reconhece em todas as

religiões, inclusive no cristianismo tal qual se apresenta⁴⁸, reações aos “rumorejos” de Deus – e como tais as valoriza⁴⁹. Significa: despoja-se da arrogante posição de prepotência cultural, estudando todas as manifestações religiosas com dedicação e delicadeza, captando e defendendo as suas particularidades, evitando catalogá-las conforme o esquema depreciativo “superior/inferior”, “primitivo/evoluído”, abstendo-se de compará-las consigo mesma⁵⁰; nega-se a invocar contra elas “o pecado contra o Espírito Santo”⁵¹ e lançar mão de expedientes como inquisição e entrega ao braço secular para guerra justa ou auto-de-fé⁵²; jamais as degrada como meros objetos para uma conversão encenada da noite para o dia e sempre as interpreta, antes de tudo, como tentativas de corresponder ao sagrado/numinoso. Este se caracteriza, em relação aos seres humanos, como “*fascinosum, augustum et tremendum*”⁵³, do qual as pessoas fiam “coisas boas, ajuda e consolo [perdão]”⁵⁴ e o qual as atinge, envolve e transforma integralmente, como indivíduos e como membros da sua respectiva comunhão humana, organizando ritos e estabelecendo normas morais. Destarte, servem as religiões ao bem-estar integral de indivíduos e de povos⁵⁵.

É cegueira ideológica ou falta de informação científica explicar o fenômeno religioso exclusivamente a partir do aspecto etnológico, psicológico, sociológico, histórico, fenomenológico, filosófico ou o que o valha, enfim, imanente. É, fora de dúvida, birra cristã desqualificá-lo como mera manifestação antropocêntrica⁵⁶ ou até demonizá-lo⁵⁷. A religião inicia consigo própria, ela “é uma categoria puramente *a priori*”⁵⁸. Ela é a articulação comunitária da relação dos seres humanos com o seu “além”, que os transcende, lhes advém de fora deles e os conecta com a comunhão de vida e religião, de religião e vida. Tal articulação é inerente a cada ser humano e a cada conjunto de pessoas. Faz parte da sua vida, da sua vivência e convivência. É uma característica indelével das pessoas, contudo não é uma faculdade antropológica, mas, por assim dizer, *meta*-antropológica. A religião – não como algo abstrato e geral, mas como uma realidade experimentada e abrangente, concreta e histórica, viva e impulsionante – é um dado *sui generis*, uma grandeza multidimensional, concluem as ciências da religião, resumindo as suas inúmeras pesquisas multifocais. “Religião não se deixa construir ou inventar, mas apenas interpretar e analisar criticamente como algo que existe [antes, ante e independentemente do/a intérprete/analista]”⁵⁹. E a fé no Deus da revelação bíblica anunciada entende que o fenômeno religioso, multifacetado e inextinguível, universal e atemporal, é efeito do fato de que Deus está por aí, que ele “rumoreja”. O que constitui um desafio extraordinário para essa fé. Até vira sufoco, em vista, por exemplo, da permanência do judaísmo, do rejuvenescimento das religiões chamadas universais, aliás, da empreitada missionária

vigorosa destas em meio à cristandade⁶⁰, e da avalanche de movimentos neo-religiosos que arrebatam multidões⁶¹ e as tornam felizes;

A procura da fé cristã por sua medula

c) volta a procurar “o caroço da noz, o cerne do trigo e a medula dos ossos”⁶² da sua existência⁶³: Jesus Cristo, “o Senhor Zebaote, / e não há outro Deus”⁶⁴, “aquele que o universo jamais conteve / está deitado no colo de Maria”⁶⁵. Ora, a fé no Deus da revelação bíblica anunciada não empreende isso por si. Ela está sendo coagida por contingências, igualmente “rumorejos” de Deus, tais como a conscientização global referente ao pavoroso saldo negativo da história do cristianismo, o ressurgimento espantoso da religiosidade em toda parte e os avanços formidáveis das religiões de todo tipo. Eis a vicissitude em que se encontra a fé no Deus da revelação bíblica anunciada: ela fica, por um lado, arrasada e desanimada por suas barbaridades indizíveis, cometidas em nome de Deus, e, por outro, perplexa e confusa devido à vitalidade e profundidade de religiões e à sua eficiência na solução de problemas existenciais de tantas pessoas. A crise da mencionada fé é sacramentada pelo ato contínuo e notório de que a explosão religiosa dificilmente “beneficia” a ela em termos gerais⁶⁶. Logo, a fé no Deus da revelação bíblica anunciada se encontra na atribulação qualificada⁶⁷, na “descida aos infernos da autoconsciência” (J. G. Hamann). O que vale dizer: ela está na sua vicissitude adequada⁶⁸.

Assim, a fé em pauta “está sendo remetida para as suas origens, de forma radical e nova”⁶⁹ – e permanece ali agarrada: “Quem sou eu? (...) Quem quer que eu seja, tu me conheces, eu sou teu, ó Deus”⁷⁰. Ao mesmo tempo, percebe que ela própria “nada faz, / sozinha”, junto com as suas realizações, “está perdida”⁷¹. As suas lucubrações dogmáticas, inclusive elaborações cristológicas, bem como os seus vasos comunitários, ainda aumentam os seus fracassos. As pessoas tomadas por ela desaprendem, de vez, “a se recomendar a si mesmas”⁷². Resta à fé no Deus da revelação bíblica anunciada morrer de vergonha e desespero **ou** apontar para Jesus Cristo, em resolute detrimento de si e do seu⁷³. Por fim, chega-se a entender e tirar as devidas conseqüências de: “(...) não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, e a nós mesmos como vossos servos por amor de Jesus”⁷⁴. A proclamação de Jesus Cristo destrói e levanta a fé, tira-lhe a segurança, os arrimos e corrimões, tornando-a assustadoramente e, ainda assim, confiadamente dependente de Jesus Cristo⁷⁵. Referir-se a ele *coram mundo*, tão-só a ele, é a sua maneira de se redimir perante o mundo, aliás, a sua única maneira⁷⁶. Motivo pelo qual a fé no Deus da revelação bíblica anunciada é devedora do mundo⁷⁷. E o permanece sendo, sem embargo de

tudo o que o mundo arrola, cheio de razão, contra as articulações e inculturações dessa fé⁷⁸, e de tudo que ela própria diz e precisa dizer contra si.

O testemunho da fé dada por Deus, o qual se realiza em Jesus Cristo, a partir da sua medula

5) A fé no Deus da revelação bíblica anunciada “arrisca Jesus Cristo em favor da causa do próprio Cristo”⁷⁹. Em outras palavras: ela não se justifica nem se promove, quer dizer, não litigia com as religiões, não as degrada, nem lhes mostra os seus podres e as suas contradições. Ela rejeita qualquer apologia de si mesma⁸⁰. Testemunha – note bem! – “os testemunhos de Deus”⁸¹, em absoluto dá testemunho de si própria. Embora seja “uma murcha flor... / é justo que... / aumente no mundo o... louvor” de Jesus Cristo – “porque” é “pertencente ao povo do Senhor”⁸². Ela, simplesmente, fala de Jesus Cristo, pois lhe é impossível deixar de falar dele⁸³. E a sua fala parece mais um gaguejo – “de olhos baixos” e, ao mesmo tempo, “com os olhos cintilantes” – que um discurso⁸⁴. Anunciar a Jesus Cristo “não é título de glória” para ela; “é, antes, uma necessidade que se” lhe “impõe. Ai” dela, “se não anunciar”⁸⁵. *Iustificatio dubitatorum et desesperatorum*⁸⁶, *impiorum, peccatorum et inimicorum*⁸⁷ *per et propter Christum* “conforma” a fé para o anúncio⁸⁸. Ou seja, para a “palavra da fé, que testemunha amor [experimentado e experimentável] e, por conseguinte, leva a esperar [acontecimentos inauditos, nunca ocorridos e verificados]”⁸⁹.

A fé no Deus da revelação bíblica anunciada fala de Jesus Cristo, sim; deixa-se, todavia, surpreender pelo jeito com que ele se manifesta – contextualizando-se⁹⁰. Ela testemunha a Jesus Cristo, sem esperar ou exigir que ele repita ou reforce as percepções e perspectivas dela. Neste afã, constata, sempre de novo, que ela “mal possui algumas poucas primícias, fracas e pobres e, por enquanto, entende apenas fragmentos da altura e largura e profundidade” de Jesus Cristo⁹¹.

À medida que a fé no Deus da revelação bíblica anunciada professa a Jesus Cristo, ela aprende a dar um basta ao martelar de cristologias já definidas e dogmatizadas, e a aceitar novas formas da autocontextualização de Jesus Cristo para dentro do pensar, querer e desejar de indivíduos e povos. Ele próprio, Jesus Cristo, “onde e quando lhe apraz”¹⁸, aprofunda, recoloca, liberta, sacia, excede e recria esses pensamentos, querências e desejos⁹².

Jesus Cristo “é luz, verdade, / justiça, bem, perdão, / paz, esperança, amor / e redenção”⁹³, “Jesus Cristo é a vida, / é a vida do mundo”⁹⁴, não porque a fé no Deus da revelação bíblica anunciada o “crê, ensina e confessa”⁹⁵, e sim porque Jesus Cristo, ele próprio, deste modo se evidencia, *ubi et*

quando et quomodo visum est Deo. Aí, bem aí há reconciliação integral¹¹⁸, “vida e salvação”⁹⁶, porque Jesus Cristo leva tudo a bom termo⁹⁷.

O grito da fé dada por Deus, o qual se realiza em Jesus Cristo, a partir da sua medula

Nesta convicção, por sinal, na sua única, a fé no Deus da revelação bíblica anunciada grita: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé”⁹⁸. “Fortalece-nos a fé, tão esburacada, da qual cai, sempre de novo, tanto daquilo que tu [Deus] nos dás”⁹⁹. Pois a fé “é uma obra de Deus em nós, que nos transforma e nos faz renascer de Deus...; mata o velho Adão, e faz de nós pessoas completamente outras, no coração, na vontade, na mente e em todas as potencialidades”¹⁰⁰. “Toda a nossa compreensão / pelas trevas é cercada.” Assim sendo, “só em tua comunhão / pode ser iluminada”¹⁰¹. Em nós, seres humanos, “vem acender / a tua luz divina – que assim te possamos ver”¹⁰². “Aos desviados vem buscar, / aos que padecem, consolar... / Senhor, o surdo faze ouvir, / ao mudo, a boca vem abrir!... / Ó dá que os cegos possam ver / e o teu amor reconhecer. / Os que erram, faze tu voltar; / aos que duvidam, confiar!”¹⁰³. “Eu quero mesmo é aprender a crer”¹⁰⁴. Por isso: “Amém, isto é, que seja assim! / Dá força à fé até o fim! / E não nos deixes duvidar / do que acabamos de rogar. / Sobre o teu nome, Deus Senhor, / Amém dizemos com fervor”¹⁰⁵.

A certeza da fé dada por Deus, o qual se realiza em Jesus Cristo, a partir da sua medula

Gritando de tal modo, a fé no Deus da revelação bíblica anunciada já “entoa”, *hic et nunc*, “a glória” de Jesus Cristo¹⁰⁶. “Que Jesus vence é um fato, para sempre. / Seu será todo o mundo”¹⁰⁷ – agora, não num futuro distante. É o outro Jesus Cristo, ou seja, Jesus Cristo, o seu próprio autocontextualizador – quando, onde e como quer¹⁰⁸. Por enquanto, a atual fé no Deus da revelação bíblica anunciada não o conhece. Jesus Cristo se autodesdobra presente e efetivamente como o Jesus Cristo também desta fé. E de novo se evidencia que Jesus Cristo não é o caminho que a fé trilha, mas é “o caminho que carrega a fé”²⁶ e leva aos desdobramentos contextualizados, reflexivos e vivenciais dele próprio¹⁰⁹.

Na fé nele, o próprio Jesus Cristo está presente¹¹⁰. “Ela faz de ti [crente] e de Cristo, por assim dizer, uma só pessoa”¹¹¹, “unha e carne” com ele (segundo G. O. Forde). Daí, o grito por fé é o grito “*maran atha* – nosso Senhor, vem!”¹¹². Logo, não é a fé que salva, mas Jesus Cristo salva. “A pessoa em Cristo é a pessoa do novo mundo”¹¹³. Ele “se tornou para nós

sabedoria proveniente de Deus, justiça, santificação e redenção, a fim de que... aquele que se gloria, se glorie no Senhor”¹¹⁴. Num duplo sentido, Jesus Cristo é determinante: desdeifica a Deus na percepção normal¹¹⁵ e decide o nosso destino¹¹⁶. Sem ele, nada feito¹¹⁷. “Pois [diz ele à pessoa crente] eu sou teu, e tu és meu; onde eu estou, terás o céu. / Nada há de separar-nos”¹¹⁸. Esta dependência radical e existencial *stricto sensu* é o escopo da cristologia, derivada da autocontextualização do próprio Jesus Cristo, e não apenas o dos prolegômenos daquela¹¹⁹.

Notas para aprofundamento

* Para a compreensão do termo, veja acima 5. Essa referência assegura a transubjetividade do testemunhar. O que se impõe por a testemunha poder ser automeada e o seu testemunho, discricionário. No sentido referido, contudo, a testemunha é a pessoa enviada e autorizada – sem mérito e dignidade da parte dela, antes para a suprema surpresa e até revolta de muita gente, e o envergonhar-se dela própria. Jesus Cristo, que envia e autoriza a testemunha, usa o testemunho desta para os seus fins. A testemunha se encontra, pois, com o seu testemunho na contingência de Jonas (particularmente, Jn 1 e 4) e de Paulo (particularmente, 1 Co 9.16-23; At 9.5.10-22 par.). Tanto que: em absoluto não vem ao caso a credibilidade da pessoa testemunha nem a capacidade de crer da pessoa ouvinte.

** Entre nós não apenas existe um mercado religioso, livre e globalizado, mas um caldeirão de religiões que produz o “caldo religioso” que apeetece a meio mundo, também *intra muros ecclesiarum*. São seus ingredientes: a) ausência de religião oficial ou, ao menos, forte crítica da mesma; a religião majoritária (visão e convicção romanas da fé cristã) e as suas alternativas (por um lado, as centenas de versões autodenominadas evangélicas, pentecostais e espíritas da fé cristã, e, por outro, as milhares de manifestações espirituais, oriundas ou inspiradas pelo Oriente) se permeiam; a desmonopolização do religioso – sempre irmanada com a fetichização, a mercadorização e o consumismo das religiosidades bem como com a flexibilização das suas agências (vulgo: igrejas); a profissionalização de um quadro de agentes exitosos e a disputa ferrenha por uma clientela cada vez maior – barateia qualquer opção e espírito religiosos ao passo que pesa no bolso da gente que consome ofertas religiosas; b) as pessoas, conforme as suas vicissitudes existenciais, elaboram religião subjetiva, recolhendo elementos/pedaços de crenças e praxes no universo das religiões para a satisfação particular, imediata e ocasional; c) “conversão” é dispensável, o que provoca entusiasmo e procura frenéticos por conteúdos conversáveis e serviços lábeis, resultando na falta de posturas éticas permanentes e na rejeição de asserções dogmáticas, metódicas e duradouras, enfim, inegociáveis, fundadas na religião *stricto sensu*; d) a movimentação religiosa e as suas empresas – assumindo a propagação descarada da religiosidade, geral e a-histórica, irrefletida e autofixada, a lógica do sucesso fácil, visível e palpável, e a competitividade acirrada entre as diferentes *performances* das religiosidades – investem grandemente no oferecimento de fortes sensações, nas demandas de experiências emocionais e nas práticas mágico-místicas; e) o renascimento da ânsia das pessoas por algo religioso para embelezar a sua existência pobre e vã e para sarar as feridas da vida; sucede um reencantamento generalizado pelo religioso que pode, inclusive, custar caro no sentido financeiro, jamais na acepção/esteira de uma mudança por 180° na vida pessoal e social; está-se convicto do extraordinário poder funcional da religião, da positividade de todas as religiões enquanto produtoras de eficácia terapêutica e de preenchimento de

- lacunas sentidas no dia-a-dia, da legitimidade do gasto com a religião e da liberdade de escolher a religião que bem entender, aliás de costurá-la para a própria pessoa como quintessência da auto-realização; f) na medida em que o caldo religioso aumenta, aumentam a miséria e a carência de rumo vivencial no País.
- 1 Aliás, ouvir a Jesus Cristo, crer nele e confessá-lo. Cf., p. ex., Lc 10.42; Mt 10.32s. par., 26.6-13 par.; At 2.22-24; 1 Co 2.2, 9.16, Gl 6.14; 1 Tm 1.12-17; Jo 14, 1 Jo 4.7-21; 1 Pe 1.3-5; Hb 10.19-25; Ap 1.4-8, 7.9-17. Cf. acima 4 c e abaixo, as notas 69-75. Confessar a Jesus Cristo, nem mesmo na primeira comunidade foi pacífico; fez-se necessário que o próprio Deus a convencesse disso, pois ele está e vai além das fronteiras da congregação dos/as crentes – para a perplexidade dela, e não sempre para o seu apaziguamento e o seu louvor a Deus (compare, p. ex., At 10-11.18 com Gl 2).
 - 2 Martinho LUTERO, como poucos, nunca se cansou de insistir nisso; p. ex.: *Pelo evangelho de Cristo*: obras selecionadas de momentos decisivos da Reforma / PEC, Porto Alegre: Concórdia / São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 173-6. (Doravante LUTERO, PEC). Igreja Evangélica Luterana [IEL], *Livro de Concórdia* / LC, 4. ed., São Leopoldo: Sinodal / Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 373s., 452.38s. (Doravante IEL, LC).
 - 3 Cf. M. LUTERO: “Portanto, palavra [de Deus] e fé devem ficar bem juntinhas uma da outra, pois uma não pode existir sem a outra. Quem crê e não tem a palavra, esse crê como turcos [maometanos] e judeus. Eles crêem que Deus é clemente e misericordioso. Mas falta-lhes a promessa, pois Deus não quer ser clemente fora de Cristo. Portanto, quem tem a palavra e não tem a fé, também a palavra não tem efeito [nele]. De modo que palavra e fé se unem em casamento, e uma não pode ser divorciada da outra. Um espiritualista [Schwärmer] crê que o dia derradeiro virá dentro de quatro semanas. Essa fé, porém, é pura mentira, pois não tem a palavra a seu favor. O turco acredita que pode gozar a bem-aventurança por meio de seu Maomé, mas isso é pura mentira, pois não tem nenhuma palavra a seu favor. Assim também o papa crê que um cristão tem que conquistar o céu com obras próprias; isso, porém, é uma fé falsa, pois faltam a palavra e a promessa. De modo que pode perfeitamente acontecer que se tenha uma fé, mas, por faltar a palavra, não se trata de uma fé verdadeira” (WA 52,498,16-29; tradução de I. Kayser). Veja ainda IEL, LC, p. 336,3-6 e p. 31: Art. V, 4.
 - 4 C. H. RATSCHOW, *Jesus Christus*, Gütersloh: Mohn, 1982, p. 234 (veja: p. 234-40) (Handbuch Systematischer Theologie, 5). Cf. H. KÜNG, *Ser cristão*, Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 379-91. Veja a abordagem tradicional, contudo frutífera de C. E. BRAATEN, A verdadeira divindade de Jesus Cristo, in: C. E. BRAATEN; R. W. JENSON (Eds.), *Dogmática cristã*, São Leopoldo: Sinodal, 1990, v. 1, p. 512-27; em especial, p. 522-7: Jesus Cristo é Deus para os/as cristãos/ãs: “Não há outro Deus” (p. 523. Doravante BRAATEN/JENSON, *Dogmática 1* [2, ibid., 1995]. Cf. M. LUTERO, *Obras selecionadas* / OS, São Leopoldo: Sinodal / Porto Alegre: Concórdia, 2000, v. 7, p. 538,1. Doravante LUTERO, OS), que mostra a sua liberdade amorosa e o seu livre amor no seu “*auto-esvaziamento e auto-humilhação em Jesus Cristo, entrando nas condições da existência humana e, assim, reivindicando a história da humanidade e do mundo como meio [melhor talvez: espaço] da autocomunicação divina*” (p. 527; grifo meu).
 - 5 M. LUTERO, WA 1,28,27.
 - 6 LUTERO, PEC, p. 175.
 - 7 M. LUTERO: “Assim está decidido (diz S. Paulo), que em Jesus Cristo devia morar corporalmente ou pessoalmente a divindade inteira e total; portanto, que quem não encontra ou recebe Deus em Cristo, não deverás ter ou achar a Deus fora de Cristo jamais e em lugar algum, mesmo que veja acima dos céus, abaixo do inferno, para fora do mundo” (WA 50,267,5-9).

- 8 Cf., p. ex., Êx. 3.14; Lc 12.13s.; Jo 6.14s.; Mc 14.34-37; 1 Co 1.18 - 2.16; Ap. 5.6. Deus age sempre *sub contrario* (o testemunho constante de M. LUTERO; p. ex., *OS*, v. 1, p. 38 [4], 39 [19s.,28.], 49s. [20], 53s. [28]; 4, p. 47. W. PANNENBERG, que no seu labor teológico se deixa orientar pela perspectiva da história/ciência/filosofia das religiões – um afã tanto raro entre os seus atuais colegas acadêmicos quanto inspirador na nossa contingência do inevitável diálogo inter-religioso (veja, p. ex., *Systematische Theologie*, 3 v., Göttingen: Vandenhoeck, 1988-93) – constata que Deus é “litigioso / controvertido” (*passim*). Tal caracterização de Deus, fazendo jus às inquirições do movimento iluminista (ao qual Pannenberg se confessa devedor), parece ser mais um argumento racionalista a partir do ser humano do que um testemunho teológico *stricto sensu* a partir do ser auto-revelado de Deus. Antes de Pannenberg e, ao meu ver, mais existencial e desafiante na sua abertura teológica e na exposição pessoal ao mundo religioso é C. H. RATSCHOW, que confessa “Deus, o juiz escondido”, agindo nas religiões e assim se encontrando com as pessoas (cf., p. ex.: Id. [Ed.], *Der christliche Glaube und die Religionen*, Berlin: Luther, 1967, p. 88-128; H. SCHNELL [Ed.], *Gasteiner Gespräche der Lutherischen Bischofskonferenz*, Hamburg: Luther, 1971, p. 100-37. Veja abaixo, nota 47).
- 9 K. BARTH, *Dádiva e louvor*: artigos selecionados), São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 389. Doravante BARTH, *Dádiva*.
- 10 P. R. SPONHEIM, O conhecimento de Deus, in: BRAATEN/JENSON, *Dogmática I*, p. 212.
- 11 2 Co 5.19; cf. Ef 1.10 e Cl 1.20.
- 12 Gl 3.23-8; cf. Ef 2.14-22 e Cl 2.9-15.
- 13 2 Co 5.17; cf. Gl 6.15.
- 14 Cf. M. LUTERO, WA 7,24,16s.; Id., PEC, p. 30s.; WA 39/I,521,5-522,3 (= G. EBELING, *O pensamento de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1986, p. 128. Doravante EBELING, *Lutero*).
- 15 G. [F.] VICEDOM, *A missão como obra de Deus*: introdução à teologia da missão, São Leopoldo: Sinodal, 1996. Doravante VICEDOM, *A missão*.
- 16 Id., *Actio Dei*: Mission und Reich Gottes, München: Kaiser, 1975.
- 17 Id., *A missão*, p. 15-9, 40-6.
- 18 IEL, LC, p. 30: Art. V, 2.
- 19 Veja a descrição desse fato, p. ex., F. NIETZSCHE, *Ecce homo*: como cheguei a ser como sou, São Paulo: Brasil, 1936, e *Assim falava Zarathustra*, Rio: Ouro, 1967. Veja a reflexão teológica a respeito: LUTERO, *OS*, v. 2, 1989, p. 15-20, e v. 4, 1993, p. 154-89. E ainda: IEL, LC, p. 501,1-508,19, 545,1-578,90. Cf. E. BRUNNER, *Die christliche Lehre von Schöpfung und Erlösung*: Dogmatik Band II, Zürich: Zwingli, 1959, p. 53-227; *Der Mensch im Widerspruch*: Die christliche Lehre vom wahren und wirklichen Menschen, 4. ed., Zürich: Zwingli, 1965, p. 85-210; *Der Rebell Gottes*, Hamburg: Rowohlt, 1958.
- 20 G. F. VICEDOM, *Actio Dei*, p. 87-123.
- 21 2 Co 4.4 [Cl 1.15]; cf. Fp 2.6.
- 22 IEL, LC, p. 456,65; cf. p. 450,25-451,33.
- 23 Cf. P. TILLICH, *Teologia sistemática*, São Leopoldo: Sinodal / São Paulo: Paulinas, 1984, p. 127-37, 393-469, 613-60, 686-708. Doravante TILLICH, *Teologia*. Cf. FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL [FLM], *Juntos na missão de Deus*: uma contribuição da Fede-

- ração Luterana Mundial para o entendimento da missão, São Leopoldo: Sinodal, 1990: “O Deus que se revelou e fala através do Antigo e Novo Testamentos e o qual a Igreja tem confessado, desde o início, como Deus uno em três pessoas, é um Deus em missão. O envio do Filho e do Espírito Santo ao mundo foi a suprema manifestação da divina atividade missionária. ‘Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna’ (Jo 3.16). Até hoje Deus continua esta missão no mundo entrando nas vidas dos seres humanos como Criador, Redentor e Santificador. O objetivo último desta missão é o estabelecimento do reino de Deus em sua plenitude no final dos tempos” (p. 7, adaptação da tradução conforme a versão alemã; cf. p. 7-12). De resto, essa “contribuição” falha, porque omite a penitência dos/as “participantes na missão de Deus” em vista daquilo que eles/as praticaram e, às vezes, ainda praticam. O trecho “A missão exercida por pecadores justificados” (p. 26) não está à altura desse grave problema (cf. acima, 4 a e b).
- 24 Credo Niceno-Constantinopolitano, in: IEC, *LC*, p. 19.
- 25 Ter persistido nisso, opondo-se a uma teologia centrada nas contingências antropocêntricas, é o legado da “Teologia Dialética” ou “Teologia da Palavra de Deus” que entrou no testemunho da Reforma (cf. M. LUTERO, p. ex.: apenas através de Cristo [o filho de Deus, no curral e na cruz, o proclamado na pregação e distribuído nos sacramentos, o presente, crido e confessado na comunidade de todos os tempos e lugares, cf. 1 Tm 3.16] “aprende-se a olhar diretamente para o rosto de Deus”, *WA* 46,673,8s.; cf. 672,25-32 e 669,19, e “Quem tem um Deus sem ter sua palavra, esse não tem Deus nenhum, pois o Deus verdadeiro encerrou nossa vida, nosso ser, nossa posição, nosso ofício, falar, proceder, sofrer e tudo em sua palavra, e deixou claro que não devemos nem haveremos de procurar nem saber nada fora de sua palavra, e isso também não a respeito do próprio Deus, pois ele não se dará a conhecer, não se deixará procurar e achar além de sua palavra com nossas elucubrações e com nosso pensar”, 30/III,213,34-9; adaptação de uma tradução de I. Kayser; aliás, querer Deus sem a sua palavra significa ganhar “o próprio diabo”, Lutero *passim*; consulte a magistral interpretação dessa realidade por G. EBELING, *Lutero*, p. 180-213). Veja K. BARTH, p. ex., *Carta aos Romanos*: 1ª Parte Capítulos I a VII, tradução e interpretação de L. K. Anders, São Paulo: Novo Século, 1999, p. 353-417; A Palavra de Deus como encargo da teologia, in: *Dádiva*, p. 67-83; *Introdução à teologia evangélica*, 4. ed., São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 12-7, 30-5, 57-63, 86-92, 94-100. Doravante BARTH, *Introdução*. R. BULTMANN, Que sentido faz falar de Deus?, in: *Crer e compreender*: artigos selecionados, São Leopoldo: Sinodal, 1987, p. 49-57. Doravante BULTMANN, *Crer*: Legado atualíssimo perante o ressurgimento da teologia concebida e realizada toda como aprofundamento da psicologia.
- 26 M. Lutero, inúmeras vezes. Cf. para a “revelância” desse acontecimento G. O. FORDE, in: BRAATEN/ JENSON, *Dogmática* 2, p. 468s.
- 27 H. KÜNG, op. cit., p. 192 (tradução minha do original).
- 28 H. J. IWAND, *Nachgelassene Werke*, München: Kaiser, 1966, v. 2, p. 92. Cf. K. BARTH, *Fé em busca de compreensão*: fides quaerens intellectum, São Paulo: Novo Século, 2000, p. 155-62, 171-3. Doravante BARTH, *Fé*.
- 29 K. BARTH, A humanidade de Deus, in: Id., *Dádiva*, p. 389-405. R. BULTMANN, A questão da cristologia e Verdades universais e proclamação cristã, in: *Crer*, p. 59-80, 231-9, respectivamente.
- 30 2 Pe 3.13.

- 31 Ser cooperadora de Deus [não co-criadora com Deus]: LUTERO, *OS*, v. 4, p. 189-214 (cf. v. 2, p. 447-60).
- 32 P. ex., Rm 10.17, At 16.14 e Jo 3.1-15; M. LUTERO, Explicação ao 3º Artigo do Credo, in: IEL, *LC*, p. 371,6; p. 452,37-9; F. MELANCHTHON, in: *ibid.*, p. 30,1-31,4 [Art. V] e p. 112,20-113,[20].
- 33 Cf. LUTERO, *OS*, v. 2, p. 456. “Toda doutrina, obra e vida cristãs estão clara, concisa e sobejamente contidas nos dois conceitos de fé e amor, pelos quais o ser humano é colocado entre Deus e seu próximo, como instrumento que recebe de cima e embaixo passa adiante, tornando-se vaso ou cano, por assim dizer, através do qual a fonte dos bens divinos deve fluir incessantemente em direção a outras pessoas. Vê, essas são pessoas realmente conformes com Deus, que dele recebem tudo que ele tem, em Cristo, e se revelam a outros, por sua vez, com benefícios como se fossem deuses deles. Então se realiza a palavra de Sl 82.6: ‘Eu disse: Sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.’ Somos filhos de Deus pela fé, que nos faz herdeiros de todos os bens divinos. Mas deuses somos pelo amor, que nos faz bondosos para com o nosso próximo; pois natureza divina outra coisa não é do que pura bondade (...) amabilidade e benevolência, pois que, como vemos, diariamente derrama abundantemente os seus bens sobre toda criatura” (WA 10/I/1,100,8-101,2).
- 34 Cf. Fp 3.12-16; Lutero: a vida do/a cristão/cristã “não é piedade, mas um vir a ser piedoso; não é saúde, mas um vir a ser são; não um estado, mas um vir a ser; não um repouso, mas um exercício. Nós não somos cristãos ainda, mas o seremos. Não aconteceu ainda, mas está em gestação. Não chegou ainda a termo, mas está a caminho. Ainda nem tudo brilha, mas está sendo limpado” (WA 7,336,31); R. BULTMANN, *op. cit.*, p. 80; P. TILLICH, *A coragem de ser*, 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972; em especial, p. 122-46.
- 35 G. O. FORDE, Vida cristã, in: BRAATEN/JENSON, *Dogmática 2*, p. 439.
- 36 Gl 6.10.
- 37 Cf., p. ex., H. KRAMER; J. SPRENGER, *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum*, 3. ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, p. 43-524; K. DESCHNER, *História criminal del cristianismo*, Barcelona: Martínez Roca, 1990-7, v. 1-8.
- 38 Cf., p. ex., H. ASSMANN; F. HINKELAMMERT, *A idolatria do mercado: ensaio sobre economia e teologia*, Petrópolis: Vozes, 1989 (Teologia e Libertação, V/5); F. J. HINKELAMMERT, *Sacrificios humanos y sociedad occidental: lucifer y la bestia*, San José / Costa Rica: DEI, 1991 (Teología Latinoamericana).
- 39 Cf. TILLICH, *Teología*, p. 463-6, 527s., 671-3; também *Id.*, *Dinâmica da fé*, São Leopoldo: Sinodal, 1974, p. 14s.
- 40 Cf. J. SARAMAGO, *In nomine Dei*, São Paulo: Schwarcz, 1993.
- 41 H. KÜNG, *op. cit.*, p. 81. O que fica de pé justamente perante “os holocaustos humanos (no mínimo vinte mil em quatro dias, na sagração do templo [asteca] principal no México, em 1487)”, pois o sacrifício de pessoas, seja qual for o seu motivo (a começar pelo demoníaco de “salvar, ao menos, a sua alma”), contradiz visceralmente à “doação divina pelos seres humanos”, presente e atualizado na autocomunicação do Deus da revelação bíblica (p. 83). O jeito deste Deus é não-violência e amor ao inimigo em relação aos seres humanos, os seus rebeldes violentos (cf. acima 2 e nota 19); o que ele próprio sacramenta na vida e luta, na morte e ressuscitação de Jesus de Nazaré. “Seres humanos alguns são sacrificados pelo Deus vivo a não ser que um foi sacrificado por ele – ele próprio” (H. J. IWAND, *Luthers Theologie*, München: Kaiser, 1974. p. 203 [Nachgelassene Werke, 5]). Razão pela qual as pessoas persuadidas por ele jamais podem lançar mão de violência contra gente de outras

- convicções (veja para esta linha de pensamento que tende a vingar, R. GIRARD, p. ex., *A violência e o sagrado*, São Paulo: Paz e Terra/UNESP, 1990, p. 13-114, 305-32, 377-91. H. ASSMANN [Ed.], *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*, Petrópolis: Vozes / Piracicaba: UNIMEP, 1991, p. 316. Veja o aproveitamento da referida obra de Girard também quando G. O. FORDE, dentro da sua cristologia, chega a “A expiação como acontecimento efetivo”, in: BRAATEN/JENSON, *Dogmática 2*, p. 99-103). Sim, para pessoas persuadidas pelo Deus da Bíblia, ele é um Deus das vítimas (R. GIRARD, *Hiob – ein Weg aus der Gewalt*, Zürich: Zwingli, 1990, p. 195-211).
- 42 Rm 3.19.
- 43 Cf. manifestações nesse sentido: p. ex., o Conselho Diretor da Igreja Evangélica na Alemanha [IEA] com referência à sua culpa durante a tirania hitlerista: “nós nos acusamos que não confessávamos com mais coragem, não orávamos com mais fieldade, não criamos com mais alegria e não amávamos com mais fervor” (A Confissão de Culpa de Stuttgart, 1945, in: K. HERBERT, *Kirche zwischen Aufbruch und Tradition: Entscheidungsjahre nach 1945*, Stuttgart: Radius, 1989, p. 324) e grupos de base na IEA com referência a que “andávamos errantes” quanto à idolatrização do “nosso povo”, ao aplauso no tocante à divisão política “entre bons e maus” e à ligação da Igreja com o reacionismo em detrimento do povo explorado. Por conseguinte, urge “para a salvação eterna e temporal das pessoas”: “Não ao lema: cristianismo e cultura ocidental, mas retorno a Deus e conversão ao próximo na força da morte e da ressurreição de Jesus Cristo” (A Palavra de Darmstadt, 1947, in: Id., *ibid.*, p. 385), o Conselho Diretor da IECLB com referência à omissão da Igreja em relação a “nossa responsabilidade social” (in: G. BURGER [Ed.], *Quem assume esta tarefa?*, São Leopoldo: Sinodal, 1977, p. 43), e João Paulo II, “Pedido de perdão do papa João Paulo II em 12/03/2000”, contendo, entre outras, “Confissão das culpas no serviço da verdade”, “Confissão das culpas no relacionamento com Israel”, “Confissão das culpas cometidas por procedimentos contra o amor, a paz, os direitos dos povos, o respeito pelas culturas e pelas religiões”, “Confissão dos pecados que feriram a dignidade da mulher e a unidade do gênero humano”, “Confissão dos pecados no âmbito dos direitos fundamentais da pessoa” (in: SEDOC, Petrópolis: Vozes, v. 32, n. 280, p. 619-23, maio-jun. 2000).
- 44 Lc 18.13; Rm 3.21-26; 1 Jo 1.9; 1 Pe 4.17-19; LUTERO, *OS*, v. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 22 [1.] e p. 29 [92.-95.]; v. 2, p. 375-99; *LC*, p. 376,11-4 e p. 379,6.
- 45 Cf., p.ex., At 10 - 11.18; Gl 2 (cf. nota 1). Aí vale a fala corriqueira entre nós de que “Deus chega antes do missionário”.
- 46 M. LUTERO, *WA* 15,373,17. Para o fato de, segundo Lutero, o Deus onipotente ser onipresente, ubíquo e onífero veja *OS*, v. 4, p. 271. “A Escritura (...) nos ensina que ‘a mão direita de Deus’ não designa um lugar específico (...) A expressão designa o onipotente poder de Deus que, simultaneamente, pode estar em lugar nenhum e, não obstante, estar em toda parte (...) ele [Deus] não pode estar em determinado lugar. Pois se estivesse em determinado lugar, ele deveria ser constatável ali e circunscrito àquele lugar, como todas as coisas que se encontram em algum lugar têm que estar circunscritas àquele lugar (...) de modo que não podem, ao mesmo tempo, estar em outro lugar. O poder divino, porém, não pode estar circunscrito e dimensionado dessa maneira, pois ele é incompreensível e incomensurável, fora e acima de tudo que existe e pode existir. Por outro lado, ele [Deus] tem que estar essencialmente presente em toda parte, inclusive na menor folha de árvore. A razão disso é a seguinte: é Deus que cria todas as coisas, tudo (...) sustenta por seu onipotente poder e sua mão direita (...) Pois ele não envia funcionários ou anjos quando cria e sustenta alguma coisa.

Isso tudo é obra de seu próprio poder divino. Se, porém, é ele que o cria e mantém, ele tem que estar ali presente e criar e manter sua criatura tanto no mais íntimo quanto nas coisas mais exteriores. Por isso ele mesmo tem que estar presente em toda criatura no mais íntimo de seu ser e nas coisas mais exteriores, por todos os lados, de fora a fora, por cima e por baixo, na frente e atrás, de modo que nada há que pudesse estar mais presente e no íntimo em todas as criaturas do que o próprio Deus com seu poder. Pois é ele que faz a pele, e também é ele que faz os ossos (...) E também é ele que faz o tutano nos ossos (...) faz (...) cada pedacinho do tutano. Afinal é ele quem o tem que fazer, tanto o detalhe quanto o todo. Pois sua mão tem que estar presente para fazê-lo, isso não pode faltar” (WA 23,133,19-135,11; tradução de I. Kayser). A própria essência de Deus “pode estar inteiramente em todas as criaturas e em cada uma separadamente, [e aí] de maneira mais profunda, mais íntima, mais presente do que a criatura é em si mesma; e, não obstante, [a própria essência de Deus] não quer nem pode estar encerrada em parte alguma e em nenhuma criatura, de modo que certamente compreende todas as coisas e está nelas, no entanto, nenhuma [coisa ou criatura] a [própria essência de Deus] compreende nem está nela [na própria essência de Deus]” (137,31-35).

- 47 Cf. P. ALTHAUS, *Die christliche Wahrheit*, 2. ed., Gütersloh: Bertelsmann, 1949, p. 121-75. H. KRAEMER, *Religion und christlicher Glaube*, Göttingen: Vandenhoeck, 1959, p. 19-94, 315-54 (Theologie der Ökumene). Doravante KRAEMER, *Religion*. ARNOLDSHAI-NER Konferenz [AKf] / VEREINIGTE Evangelisch-Lutherische Kirche Deutschlands [VELKD] (Eds.), *Religionen, Religiosität und christlicher Glaube: Eine Studie*, 2. ed., Gütersloh: Mohn, 1991, p. 15-9, 117-32. C. H. RATSCHOW, *Die Religionen*, Gütersloh: Mohn, 1979 (Handbuch Systematischer Theologie, 16). Descrever, com a assessoria do último autor, a tentação da fé em Jesus Cristo ante as religiões, quando se lhes expõe até “a experiência participatória [nelas]” (Th. SUNDERMEIER, *Was ist Religion?: Religionswissenschaft im theologischen Kontext: Ein Studienbuch*, Gütersloh: Kaiser/Gütersloh, 1999, p. 208 [Theologische Bücherei, 96]), seria de grande valia para nós (veja abaixo, notas 67s.). Devido à falta de espaço, deve ficar para uma próxima oportunidade.
- 48 Cf. K. BARTH, que vê o cristianismo existente como religião em meio às outras religiões. É de bom alvitre lembrar a sua distinção clássica entre “revelação [de Deus em Jesus Cristo]” e “cristianismo/fé cristã”. Para Barth, os dois são incomensuráveis. E acrescenta: quando “a revelação” atinge o ser humano, “a revelação” vira “religião”. Destarte, Barth desfaz qualquer orgulho/supremacia da cristandade/da fé cristã perante o universo religioso, afirmando que, na resistência à “revelação”, o cristianismo é solidário com todas as outras religiões: ele é tão falso como as demais religiões; e, ao mesmo tempo, Barth assevera a cristandade/a fé cristã como lugar da “revelação” e, por conseguinte, a “religião verdadeira” em oposição às religiões falsas (*Kirchliche Dogmatik [KD]*, 5. ed., Zollikon-Zürich: Evangelischer Verlag, 1960, v. I/2, p. 304-97). Faz jus a Barth acrescentar, embora sem possibilidade aqui para desintrincá-lo e descobrir com quem tudo se avizinha no afã, que ele, mais tarde (*KD IV/3/2*), sustenta: já que Jesus Cristo é Palavra e Luz de Deus ontologicamente precedente, vale “a Igreja” enxergar “em cada ser humano (...) um *christianus designatus*” (p. 927) e, nesta perspectiva, ter de concordar com o dito de Tertuliano “*anima [humana] naturaliter christiana*” (p. 564; cf. *Dádiva*, p. 402).
- 49 Cf., p. ex., E. HOORNAERT, *Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos*, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1978; *O cristianismo moderno do Brasil*, Vozes: Petrópolis, 1991, em especial: p. 75-111.
- 50 Pensadores tão diferentes como E. Troeltsch, R. Otto e A. Schweitzer medem as religiões

- com a vara de medição “ética”. Acham eles que assim podem chegar à conclusão da “superioridade do cristianismo” – aspecto intrigante em vultos dessa categoria. Embora o mesmo não possa ser esmiuçado de momento, seja, pelo menos, citado. Em vista de que atualmente a questão da “ética” se torna central no diálogo inter-religioso, urge aguçada reflexão a seu respeito.
- 51 Mc 3.28s. par.; Evangelho de Tomé, dito 44. Cf. Hb 10.26-31; 1 Jo 5.16.
- 52 Feitos de terrível memória e tão comuns na América Latina, por exemplo, que dispensam qualquer referência.
- 53 R. OTTO, *Das Heilige: Über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen*, Breslau: Trewendt, 1917. Versão portuguesa de P. Velasques F.: R. Otto, *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*, São Bernardo do Campo / SP: Imprensa Metodista, 1985. B. O. BIRCK, *O sagrado em Rudolf Otto*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993 (Filosofia, 7) oferece certa aproximação a essa obra clássica (somente durante a vida do autor, que faleceu em 1937, o livro alcançou, sempre reformulado, 25 edições). Parece que, em nossos dias, Otto está sendo bastante copiado – mais inconsciente do que conscientemente? – e pouco entendido (cf. nota 25).
- 54 LUTERO, *LC*, p. 396,17; aliás, p. 394,1-402,48 *passim*.
- 55 Th. SUNDERMEIER, op. cit., p. 40.
- 56 Caso pessoas crentes em Jesus Cristo têm a religião tão-só como elemento antropológico, sejam lembradas que, com isto, se encontram, embora às avessas, bem juntinho de L. FEUERBACH, o intérprete por excelência da religião como situado integral do indivíduo humano (cf. *A essência do cristianismo*, Campinas: Papyrus, 1988 – com “Apresentação” de R. Alves [p. 7-15], texto ilustrativo por dois motivos: primeiro, Alves defende entusiasmaticamente a convicção de Feuerbach com categorias da psicanálise freudiana individualista e, segundo, deixa de oferecer menções ao lugar vivencial do surgimento das afirmações de Feuerbach). Cf. para a crítica da posição aludida, P. ALTHAUS, op. cit., p. 73-112 (se Althaus, dentro da sua visão da “proto-revelação”, faz jus ao conjunto do testemunho de Barth, tema apaixonante, não é possível dissecar na presente ocasião).
- 57 KRAEMER, *Religion*, p. 72-94.
- 58 R. OTTO, op. cit., p. 119, veja o conjunto: p. 119-24, p. 140-60 = versão em português p. 111-20, p. 139-48 [P. Velasquez F. não traduz a 1. ed., por isso inexistente correspondência nas formulações, mas no sentido].
- 59 G. EBELING, *Studium der Theologie: Eine enzyklopädische Orientierung*, Tübingen: Mohr, 1975. p. 48. Doravante EBELING, *Studium*.
- 60 Chamaram a atenção para isso já G. F. VICEDOM, *Die Mission der Weltreligionen*, München: Kaiser, 1959; *Die Weltreligionen im Angriff auf das Christentum*, 4. ed. München: Kaiser, 1961 (Theologische Existenz Heute, 51), e H. KRAEMER, *Weshalb gerade das Christentum?*, Basel: Basileia, 1962, p. 18-60. Antes, no entanto, veja os próprios *spiriti rectores* da mencionada empreitada, p. ex., M. GANDHI, *Todos los hombres son hermanos*, 4. ed., Madrid: Sígueme, 1976, e S. RADHAKRISHNAN, *Die Gemeinschaft des Geistes: Östliche Religionen und westliches Denken*, Darmstadt: Holle, 1952; *Indian Religions*, New Delhi: Vision, 1979.
- 61 O. BOBSIN, *Transformações no universo religioso*, Belo Horizonte: CEBI, 1994 (A Palavra na Vida, 82).

62 M. LUTERO, WA B 1.17 [nº 5].40-4.

63 Cf. G. EBELING, que enfatiza o desafio total e global das outras religiões como *conditio sine qua non* para a formulação do “essencialmente cristão e o seu lugar vivencial”, querendo levar em consideração o caráter sincretista do cristianismo – encarado sob a perspectiva do método da história das religiões (*Studium*, p. 41, 50; veja, inclusive, p. 50-3). Th. SUNDERMEIER relata e comenta, aprofunda e amplia a acidentada parceria havida no protestantismo até agora entre reflexão teológica e prática poimênica cristã e as ciências da religião e que hoje é tanto mais importante “para que o mundo dos seres humanos se torne e permaneça um ‘oikos’, uma casa habitável” (op. cit., p. 242; em especial, p. 214-48, 162-211). De certa forma, F. TEIXEIRA, *Teologia das religiões: uma visão panorâmica*, São Paulo: Paulinas, 1995, focaliza temática parecida tratando preponderantemente do diálogo inter-religioso sob o enfoque católico romano. A publicação transborda de ricas informações e reflexões teológicas bem como de referências bibliográficas; ela constitui uma provocação utilíssima para qualquer tratamento protestante da questão. Embora não seja aqui o lugar de reagir, sente-se nesse livro tão instrutivo, em particular, falta do seguinte: transcrição do objeto de experimentação chamado “religião”; diferenciação entre “salvação” e “reconciliação” e a consequente definição da fé cristã como “religião da salvação” ou “religião da reconciliação”; interpretação do fenômeno “religião”, inclusive, a partir do primeiro artigo do Credo e dos conceitos Deus abscondido / Deus revelado e lei / evangelho; percepção da tentação existencial que cristãos/ãs experimentam ante manifestações religiosas autênticas; testemunho do escândalo que Jesus Cristo, o Crucificado Ressurreto, significa para cada religião/religiosidade; assertiva da autocontextualização de Jesus Cristo, o Ressurreto Crucificado.

64 M. LUTERO, OS, v. 7, p. 537.40 / p. 538.1.

65 Id. *ibid.*, p. 515.4s.

66 Cf. a constatação em toda parte: “O pessoal é religioso, mas não igrejeiro”.

67 Lutero fala em “cruz áurea” (*passim*). Ou seja: a “paterna e divina bondade e misericórdia” de Deus está tão escondida “*sub malis*”, os quais atingem os/as cristãos/ãs de tal maneira, que ela parece não existir – exatamente para eles/as. O pior dos males é a Lei de Deus que deixa, em especial o seu povo, nu, sem apelação, e o joga ao desespero *coram Deo*. A “cruz áurea” é salvífica, porque “os crentes em Cristo” aprendem, a duras penas, “a viver temendo a Deus, a cuidar-se na vida cotidiana, a orar (...), a crescer na graça e conhecimento de Cristo e a perceber a força [*sui generis*: sob, com e na cruz] da palavra [proclamada de Deus]” (WA TR 1.407.13-5).

68 Cf. M. LUTERO: Deus “é o carpinteiro, nós a madeira, a sua obra é a querida santa cruz que segue necessariamente à pregação do Evangelho. Ele carpinteja e trabalha em nós, aplaina e entalha para matar o velho ser (...), e nos preparar completamente para sermos criaturas novas (...) Tal obra de Deus dura até a [nossa] morte (...) Deste modo surgem cristãos experimentados, que servem para aconselhar e ajudar em tudo, deste modo se tornam desprendidos e treinados para lutar contra o diabo e o pecado (...) Em resumo: af está sendo exercitada a fé, inculcado o Evangelho e os cristãos [são feitos] uma obra ajustada e uma nova criatura de Deus. Esta é a obra que nós sofremos da parte de Deus e que nós não fazemos. Por isso chama-se com razão a obra das suas mãos” (WA 31/I.419.5-10.14-23). Com fôlego impressionante C. H. RATSCHOW, *Der angefochtene Glaube: Anfangs- und Grundprobleme der Dogmatik*, Gütersloh: Bertelsmann, 1957; em especial: p. 233-94. Rasteiramente AKf / VELKD, op. cit., p. 116s.

69 Cf. D. BONHOEFFER, *Resistência e submissão*, 2. ed., São Paulo: Paz e Terra / São

- Leopoldo: Sinodal, 1980, p. 149 (cf. p. 146-50). Doravante D. BONHOEFFER, *Resistência*.
- 70 Id., Quem sou eu?, ap. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 35, n. 3, p. 223s., 1995.
- 71 M. LUTERO, *OS*, v. 7, p. 537.34s.
- 72 2 Co 3.1; cf. 5.12; 10.12s.
- 73 Jo 3.30. Cf. a centralidade dessa confissão para a *re-flexão* teológica de K. BARTH, p. ex., *Dádiva*, p. 389, e a conhecida ilustração de D. T. Niles, evangelista metodista de Ceilão/Sri Lanka: “Eu sou pobre, faminto e sedento como todos os outros, mas eu sei onde há pão e água para todos nós (cf. Jo 6. 48-51 e 4.10-15; 6.35; 7.37s), e quero ir com todos eles apanhá-los”. Para o madagascarense P. RASOLONDRAIBE, evangélico luterano, “o cristianismo é uma religião querigmática”, ou seja, “missão é uma parte intrínseca da fé cristã” (in: H. A. O. MWAKABANA [Ed.], *Andere Religionen aus theologischer Sicht: Auf dem Weg zu einer christlichen Theologie der Religionen*, Stuttgart: Kreuz, 1997, p. 192 [LWB-Dokumentation, 4]); cf. FLM, op. cit., p. 6 (em vez de “natureza missionária da Igreja”, a versão alemã diz “caráter missionário da fé cristã”), 7, 10, 24s.
- 74 2 Co 4.5; 10.12-18; 1.24. Daí, D. T. NILES quer ser chamado, em vez de “missionário”, de “colaborador fraternal” pelas pessoas com as quais convive: *Feuer auf Erden: Gottes Sendung und das Missionswerk der Kirchen*, Stuttgart: Ev. Missionsverlag, 1962, p. 276). Neste ponto, FLM, op. cit., ajuda (cf. p. 11s., 16, 26s).
- 75 Cf., p. ex., Gl 1.15s.; 2.20; 6.14; 1 Co 1.30; 2.2; 9.1s; 15.8; 2 Co 4.4.6; Fp 3.12; Rm 7.16 - 8.39; M. LUTERO, *OS*, v. 7, p. 492.6-12; p. 494.18-495.15; “De jeito nenhum olha para quem tu és, mas olha aqui (no curral) o que hoje (com o nascimento de Jesus) te sucede” (WA 27.492.5s.); “Desvia o olhar depressa e olha para o homem que se chama Cristo” (WA TR 6.303.8s. [Nr. 6979]). Cf. J. Klepper:
“Esquece, ó homem, que há em ti a culpa e a fraqueza. Não podes crer? – fiel é Deus e cumpre o que anuncia.
Só olha em quem veio aqui Vem homem ser – recriar os seus, fazer tua defesa. aos que em desgraça encontra.
Pois hoje vem te visitar Por não poder a si negar, teu Salvador – que amor sem par! – a ele volta o teu olhar.
e ao lar quer conduzir-te Consigo está empenhado.
com o seu braço forte. Ele procura: tu és achado!”
(De: Hino de Natal, in: *Kyrie: Geistliche Lieder*, 14. ed., Berlin: Eckart, 1965, p. 29s.; adaptação de uma tradução de I. Kayser) [Der Eckart-Kreis + Band 10].
- 76 Assim se expressou, já em 1932, Karl Steck (companheiro de Chr. Keysser e professor de G. F. Vicedom); cf. H. FONTIUS, *Mission – Gemeinde – Kirche*: In Neuguinea, Bayern und bei Karl Steck, Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1975, p. 220 (Erlanger Taschenbücher, 28).
- 77 Rm 1.14. Aspecto ressaltado sempre por Chr. Keysser (veja R. Hofmeister PICH, *Big Man* Christian Keysser em Papua-Nova Guiné, *Estudos Teológicos*, v. 35, n. 2, p. 146-76, 1995), que considerou “os gentios profundamente piedosos” e, ainda assim, asseverou que o Evangelho nos transforma em “seus devedores” (cf. sua prédica inspirada e inspiradora a respeito de Rm 1.14 com o título “Wir sind Schuldner – Nós somos devedores”: Chr. KEYSSER, in: A. LEHMANN (Ed.), *Gott will es: Missionspredigten*, Dresden: Ungelenk, 1939, p. 51-5).
- 78 Na mesma direção argumenta P. V. MARTINSON, *Überlegungen zu einem lutherischen Verständnis anderer Religionen*, in: H. A. O. MWAKABANA (Ed.), op. cit., p. 197, 208, 211-3. É útil a sua insistência numa “epistemologia da cruz” (p. 197, 209s.).

- 79 E. CASTRO, *Christologie weltweit*, in: H. DEMBOWSKI; W. GREIVE (Eds.), *Der andere Christus: Christologie in Zeugnissen aus aller Welt*, Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1991, p. 207 (cf. p. 224) (Erlanger Taschenbücher, 100). Prefiro esta expressão a “sincretismo cristocêntrico” (M. M. THOMAS, in: H. KRÜGER; W. MÜLLER-RÖMHELD (Eds.), *Bericht aus Nairobi 1975*, Frankfurt/Main: Lembeck, 1976, p. 245). A última é simpática porque “o cristianismo nos primórdios” surgiu “em meio às religiões da Antiguidade” (cf., p. ex., R. BULTMANN, *Das Urchristentum im Rahmen der antiken Religionen*, Hamburg: Rowohlt, 1962 [rowohlts deutsche enzyklopädie]; veja acima nota 63) e porque intenta “analisar criticamente todos os termos e modos de pensar [existentes no universo religioso], buscando o seu valor e fazendo deles instrumentos de comunicação e divulgação da verdade do Evangelho e de desdobramento de sua importância para a vida”, chegando “a um humanismo secular, aberto para as compreensões de todas as religiões e ideologias e marcado pela humanidade verdadeira de Jesus Cristo” (H. KRÜGER; W. MÜLLER-RÖMHELD [Eds.], op. cit., p. 245s.). Todavia, o incremento do “sincretismo cristocêntrico” corre o perigo de igualar e de se apropriar do *proprium* de religiões incomparáveis e, ao mesmo tempo, de envuiar que o outro Cristo – é o outro com efeito. Th. SUNDERMEIER, ao contrário, julga ser o termo “sincretismo”, empregado por Thomas, “neutro” e da “fenomenologia religiosa” e, portanto, poder bem servir “no diálogo inter-religioso” como sinônimo para inculturação (op. cit., p. 37s., nota 7; cf. p. 177, nota 35).
- 80 Nessa linha da lógica da fé no Deus da revelação bíblica anunciada é bastante questionável o quase irredutível esforço de séculos, no labor teológico, de “defender as reivindicações do cristianismo frente àqueles que ainda não crêem” (C. E. BRAATEN, in: C. B; R. JENSON [Eds.], *Dogmática*, v. 1, p. 31; cf. p. 34-8). Ao contrário, veja, p. ex., como primeira aproximação a uma abordagem digna, comprometida e comprometedora, “o desafio mútuo” entre “o cristianismo e as outras religiões universais” (H. KÜNG, op. cit., p. 72-95).
- 81 Sl 119.46; cf. lema da Confissão de Augsburg (IEC, LC, p. 23). “Deus não tolera que uma pessoa ensine a outra ou seja a sua mestra, pois ele próprio quer ser mestre” (WA 1.695.16s.).
- 82 P. Gerhardt, in: IGREJA Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), *Hinos do povo de Deus* (HPD), 5. ed., São Leopoldo: Sinodal, 1984, n° 113.2. Doravante IECLB, *HPD*.
- 83 At 4.20.
- 84 Veja Aliócha, convencido que foi por Jesus Cristo, perante os ataques arrasadores, triunfantes do seu irmão Ivã, o niilista, em F. M. DOSTOIÉSKI, *Os irmãos Karamázovi*, São Paulo: Abril, 1971; p. ex., p. 184.
- 85 1 Co 9.16. Cf. R. BULTMANN: “O que elas [as pessoas assaltadas pela fé em Jesus Cristo] proclamam não são as suas próprias idéias, mas, isto sim, o chamado de Deus, que elas têm de proclamar, queiram ou não. ‘Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o Senhor Deus, quem não profetizará?’ [Am 3.8]” (Echte und säkularisierte Verkündigung im 20. Jahrhundert, in: *Glauben und Verstehen: Gesammelte Aufsätze*, Tübingen: Mohr, 1960, v. 3, p. 123; aliás, veja todo o ensaio: p. 122-30).
- 86 Paul TILLICH, *Teologia*, p. 558.
- 87 Rm 5.6.8.10.
- 88 G. VICEDOM, *A missão*, p. 99-127.
- 89 G. EBELING, *Wort und Glaube: Zweiter Band: Beiträge zur Fundamentaltheologie und zur Lehre von Gott*, Tübingen: Mohr, 1969, p. 429.

- 90 Isso já se verifica vigorosamente no testemunho cristológico das testemunhas neotestamentárias. Cf. G. BARTH, “*Ele morreu por nós*”: a compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento, São Leopoldo: Sinodal, 1997. Chr. DIETZFELBINGER, Das umstrittene Kreuz, in: A.-K. FINKE; J. ZEHNER, *Zutrauen zur Theologie: Akademische Theologie und die Erneuerung der Kirche – Festgabe für Chr. Gestrich zum 60. Geburtstag*, Hamburg: Wichern – Sonderdruck (Auszug), p. 137-51. Sobretudo, em nossa época, surgem cristologias bem diferentes das tradicionais – e fora de contextos marcados pelo “Ocidente cristão”: p. ex., K. KITAMORI, *Teología del dolor de Dios*, Salamanca: Sigueme, 1975 (Verdad e Imagen, 39), e B. BUJO, Auf der Suche nach einer afrikanischen Christologie, in: H. DEMBOWSKI; W. GREIVE (Eds.), op. cit., p. 87-99. Nesta altura vale meditar a afirmação do último autor de que a Teologia da Libertação, apesar “da sua excepcional contribuição para o fazer teológico no século XX”, seria “uma continuação da teologia e filosofia do Ocidente” (p. 99, nota 13). Cf. quanto a cristologias surgidas na África e “tentativa de uma [primeira] reação [às mesmas da parte da teologia tradicional europeia ocidental]”: J. TRIEBEL, *Gottesglaube und Heroenkult in Afrika: Untersuchungen zum Lwembe-Kult der Wakinga in Südtanzania*, Erlangen: Verlag für Mission und Ökumene, 1993, p. 290-318 (Erlanger Monographien aus Mission und Ökumene, 18).
- 91 M. LUTERO, WA 40/I.33.9-11. Cf. K. BARTH, *Fé*, p. 40-2.
- 92 Veja C. E. BRAATEN, A unicidade e universalidade de Jesus Cristo, in: C. E. BRAATEN; R. W. JENSON (Eds.), *Dogmática*, v. 1, p. 540-51 (cf. R. W. JENSON, in: id., *ibid.*, *Dogmática*, v. 2, p.185).
- 93 Autor/a desconhecido/a. In: PPL, *O povo canta*, Palmitos, 1994, p. 50: refrão.
- 94 J. C. Maraschin, in: *ibid.*, p. 158: refrão.
- 95 IEC, LC, p. 499.1 e, a seguir, muitas vezes.
- 96 *Ibid.*, p. 379.6.
- 97 Cf. J. S. Bach, interpretando Lc 4.18-21 par. e Mt 11.4-6 par.:
“Ele [Jesus] fez o bem a todos nós.
Aos cegos deu a visão,
os coxos fez andar;
disse-nos a palavra de seu Pai,
expulsou os demônios;
os tristes reanimou;
acolheu e aceitou os pecadores.
Outra coisa meu Jesus não fez.”
(*Passionsmusik nach dem Evangelisten Matthäus - BWV 244/Klavierauszug* (Soldan). Leipzig: Peters, s. d., p. 113s. [57 Recitativo Soprano]).
- 98 Mc 9.24 e Rm 8.26-30. Observe o fato de que a finalidade principal da oração de M. Lutero foi no concentrado intuito de que creia e permaneça na fé em Jesus Cristo. A seleção e tradução de suas orações que M. N. Dreher oferece em M. LUTERO, *Querido Deus! Orações*, São Leopoldo: Sinodal, 1993, mostra isso apenas parcialmente. Cf., ainda, o dito contundente de P. Althaus, inspirado por 2 Tm 1.12: “Eu não sei se creio, mas sei em quem eu creio”.
- 99 De uma oração da África, in: MISSIONSWERK der Evang.-Luth. Kirche in Bayern, *Gebete aus Afrika*, 2. ed., Neuendettelsau, 1996, p. 7 (Bausteine für die Praxis, 7).
- 100 M. LUTERO, *PEC*, p. 184.

- 101 T. Clausnitzer, in: IECLB, *HPD*, nº 113.2.
- 102 P. Gerhardt, in: *ibid.*, nº 1.1.
- 103 J. Heermann, in: *ibid.*, nº 42.3.-5.
- 104 D. BONHOEFFER, *Resistência*, p. 178.
- 105 M. LUTERO, *OS*, v. 7, p. 559.8-13. No tocante à ligação intrínseca entre oração e fé/reflexão sobre/a partir da fé, veja, p. ex., K. BARTH, *Introdução*, p. 94-100; *Fé*, p. 47.51.153-7.171-3; G. EBELING, que constrói a sua teologia *stricto sensu* em estreita ligação com a oração (*Dogmatik des christlichen Glaubens*: Band I: Prolegomena, Tübingen: Mohr, 1969, p. 158-261).
- 106 J. Heermann, in: IECLB, *HPD*, nº 42.6.
- 107 J. Chr. BLUMHARDT, in: *id.*, *Alles und in allen Christus*: Gesammelte Aufsätze, Neuen-dettelsau: Freimund, 1975, p. 308 (*Id.*, *Ausgewählte Werke für die Gemeinde*, II).
- 108 Cf. Sh. P. Maghiya, evangélico luterano da Tanzânia, cujo testemunho H. BRANDT (*Wenn Religion – dann Theologie!*: “Christian Religion Contains Theology!” – Religion und Theologie im Spiegel afrikanischer Examenarbeiten, Erlangen: Verlag für Mission und Ökumene, 2000, p. 69-82) apresenta e interpreta “como expressão da ‘esperança’ e da ‘confiança’ no poder contextualizador do próprio Jesus Cristo” (p. 82, nota 33).
- 109 Sem asseverar isso (cf. C. E. BRAATEN, A universalidade de Jesus Cristo, in: C. E. BRAATEN; R. W. JENSON [Eds.], *Dogmática*, v. 1, p. 545-50), antes mesmo de tudo e com fôlego, afirmações em si pacíficas a respeito do “esforço de cada comunidade” em desenvolver “a cristologia (...) no confronto da situação atual [na América Latina] com o Jesus histórico” (J. SOBRINO, *Cristologia a partir da América Latina*, Petrópolis: Vozes, 1983, p. 38) ganham feições voluntaristas, bem no estilo de muitos discursos cristológicos, independentes de época e continente, que urge questionar precisamente por causa disto – e não apenas na ótica latino-americana. Talvez não caiba tal observação quanto a “algumas sugestões” de J. COMBLIN aos “missionários (...) no sentido de responder às reivindicações dos adversários [da evangelização]” (*O Espírito Santo e a libertação*, Petrópolis: Vozes, 1987, p. 200-3).
- 110 P. ex., Gl 2.20 [4.19]; 2 Co 3.17s.; Rm 8.1-17; Ef 3.17. Cf. ref. Gl 2.20: Cristo vive em Paulo, “porque Cristo fala, propulsiona e exerce todo o agir [missionário] nele. Logo, não é mais vida paulina [de Paulo], mas cristã [de Cristo]” (M. LUTERO, WA 40/I.287.33s.). Cf. com referência a 2 Co 3.17s.: “Assim como o brilho do sol se reflete na água ou num espelho, assim também se reflete Cristo [por meio do qual alcançamos perdão do pecado], e lança um brilho de si no [nosso] coração, de modo que somos transfigurados de clareza em clareza, e crescemos diariamente, e conhecemos o Senhor com clareza crescente. Então somos transformados e transfigurados em nossa imagem, de modo que nos tornamos um só bolo com Cristo. Isso não acontece porque nós o fizéssemos, e, sim, Deus terá que fazê-lo, ele que é o Espírito. E mesmo que o Espírito Santo iniciasse em nós essa clareza e iluminação, abandonando-nos, porém, depois, seríamos como antes” (WA 10/III.425.15-25; tradução de I. Kayser).
- 111 WA 40/I.285.5 (veja como G. O. FORDE, in: C. E. BRAATEN; R. W. JENSON [Eds.], *Dogmática*, v. 2, p. 422-7 confronta aguçadamente essa passagem com a introspecção humana, não raras vezes assessorada por artimanhas teológicas, que grassa em nossos dias). Cf. M. LUTERO, *OS*, v. 1, p. 38 [4.].39 [19s.28].49s. [20].53s. [26]; 4, p. 47.
- 112 P. ex., 1 Co 16.22; Ap 22.20.

- 113 W. JOEST, *Gesetz und Freiheit: Das Problem des Tertius usus legis bei Luther und die neutestamentliche Parainese*, 3. ed., Göttingen: Vandenhoeck, 1961, p. 59.
- 114 1 Co 1.30s.; cf. *LC*, p. 312.1 - 313.5. 30.1-3 (IV). 110.1 - 176.400.
- 115 P. ex., 1 Co 1.18-2.16; 2 Co 5.14-21; Rm 3.23-8; Cl 1.15-20; Ef 1.3-23; Jo 10.30-8; 14.10-20; 17. 21-6; 1 Jo 2.22-7. Cf.: “Por meio do Evangelho somos informados o que Cristo é, para que o conheçamos, a saber, que ele é nosso Salvador, que tira de nós pecado e morte e nos salva de toda desgraça, que nos reconcilia com o Pai e nos torna crentes e salvos, sem as nossas obras. Quem, todavia, não conhece a Cristo, esse há de errar o alvo. Embora saibas que ele é Filho de Deus, que morreu e ressuscitou e que está sentado à direita do Pai, ainda assim não conhecestes a Cristo corretamente e isso de nada te vale. Pelo contrário, deverás saber e crer que ele fez tudo isso por amor de ti” (M. LUTERO, *WA* 12.285.9-16; adaptação de uma tradução de I. Kayser).
- 116 P. ex., Mc 8.34-8; Mt 10.32s.; Lc 9.26; 12.8s.; Ap 3.5.8; 2 Tm 2.11-3. Cf. M. LUTERO: “Ele [Deus] nada quer (...) exigir de nós, desde que depositemos nossa confiança nele [Jesus Cristo]. Se temos fé, já somos justos [perante Deus], cumprimos todos os mandamentos, de nada mais precisamos para tornar-nos justos, [pois] já temos tudo. Ninguém que tem essa fé pode vê-la, pois ela está interiormente no coração. Não obterás essa liberdade se exteriormente fazes o que queres, porque desse modo o coração não se torna puro, justo, livre; com isso também não alcanças uma consciência alegre e livre. Terás que começar por algo [alguém] mais elevado [Jesus Cristo]. A liberdade vem de dentro, que sejamos um com Deus e saibamos em que situação nos encontramos perante ele” (*WA* 9.567.16-24; tradução de I. Kayser). “Quem há de querer [poder] prejudicar um cristão ou assustá-lo quando [este] crê e confessa que seu Senhor Cristo é Senhor inclusive da morte, do inferno, dos diabos e de todas as criaturas, e que tudo jaz em suas mãos [de Jesus Cristo], sim, sob seus pés?” Por isso, “um cristão encara corajosamente sofrimento, morte, inferno, diabo e se gloria, dizendo-lhes confiadamente: Que me podes fazer? acaso não estás sob os pés de meu Senhor? (...) por isso é muito consolador quando algo te assusta ou te prejudica, que fales em alto e bom som, confesses a Cristo e digas: (...) Todas as coisas estão sob seus pés, quem quererá [poderá] ser contra mim?” Além disso, um cristão confessa “a Cristo como sacerdote (...), que serve de mediador entre Deus e nós, como diz S. Paulo em Rm 8.34, que ele fala e intercede por nós perante Deus, coisa de que mais necessitamos. Pois, por seu reino e domínio, ele nos protege de todo o mal em todas as coisas, mas por seu sacerdócio ele nos protege de todos os pecados e da ira de Deus, coloca-se em nosso lugar e sacrifica-se a si mesmo, a fim de reconciliar a Deus, de modo que, por meio dele [Jesus Cristo], temos confiança em Deus e nossa consciência já não se apavora diante de sua ira e seu juízo, nem os teme, conforme diz Paulo em Rm 5.12 (...) Ora, o fato de nos garantir perante Deus e de nos granjear paz de consciência, no sentido de que nem Deus nem nós mesmos sejamos contra nós, é algo bem maior do que o fato de nos tornar as criaturas inofensivas, pois culpa é algo muito maior do que dor, pecado é algo bem mais pesado do que a morte” (*WA* 10/I/1.717.5-9.11-3.15-8.21 - 718.4.6-9; tradução de I. Kayser). “Por isso ninguém se chama de cristão pelo fato de ser muito ativo, [de crer que] existe algo superior, e, sim, pelo fato de receber, de tomar algo de Cristo, e que somente se disponha para receber. Se alguém deixa de receber de Cristo, deixou de ser cristão, de modo que chamar-se de cristão consiste somente no receber, e não no dar ou fazer, e no fato de não receber nada de ninguém senão somente de Cristo. Se reparas nas obras que realizas, já perdeste o nome [de] cristão. É verdade que se devem fazer boas obras, ajudar a outros, aconselhá-los e dar, mas por isso ninguém é chamado de cristão, e com efeito ele também não é cristão por causa dessas coisas” (10/I/2.431.1-9; tradução de

- I. Kayser; veja a magistral interpretação de G. O. FORDE, in: C. E. BRAATEN; R. W. JENSON [Eds.], *Dogmática*, v. 2, p. 443-6).
- 117 Jo 15.5; 2 Co 3.5s. Cf. nota 92.
- 118 M. LUTERO, *OS*, v. 7, p. 492.10-2.
- 119 Cf. D. BONHOEFFER, que inicia a sua cristologia com a frase lapidar: “La doctrina sobre Cristo comienza en el silencio”. Pois “hablar de Cristo significa callar, callar acerca de Cristo significa hablar” (*Quién es y quién fue Jesucristo*, Barcelona: Ariel, 1971, p. 13). “En el fondo, sólo existen dos contingencias en el encuentro del hombre con Jesús: el hombre o bien ha de morir, o bien ha de matar a Jesús” (p. 21; caso a pessoa confie em Jesus Cristo e, concomitantemente, nos próprios feitos, “caem por terra a fé e o Cristo todo. Pois, se vale exclusivamente Cristo e eu o confesso (...), tenho de dizer: quando Cristo o faz [conquista reconciliação integral, vida e salvação para mim], então não preciso fazer nada [para tal finalidade]. Já que os dois [Cristo e o eu ativo] não se toleram, ao mesmo tempo, no coração com o intuito de que eu confie [para reconciliação integral, vida e salvação] nos dois, mas um deles urge sair [do coração]: ou Cristo ou o meu agir [que visa vida e salvação]”, M. LUTERO, *WA* 37. 46.21-6). É sintomático que L. BOFF termine a sua cristologia com a alusão ao referido início de Bonhoeffer (*Jesus Cristo Libertador*, 13. ed., Petrópolis: Vozes, 1991, p. 234)?